

**Objectivos:**

- Definir o senso comum.
- Reconhecer a importância do senso comum na vida quotidiana do ser humano.
- Compreender que o saber do senso comum é constituído por "crenças silenciosas" que não são sujeitas a uma análise racional.
- Analisar as deficiências do senso comum.

**Sumário:**

As evidências do quotidiano: caracterização do senso comum.

**AS EVIDÊNCIAS DO QUOTIDIANO**

"Na nossa vida quotidiana, afirmamos, negamos, desejamos, aceitamos ou recusamos coisas, pessoas, situações. Fazemos perguntas como "que horas são?", ou "que dia é hoje?". Dizemos frases como "ele está a sonhar", ou "ela ficou maluca". Fazemos afirmações como "onde há fumo, há fogo", ou "não ande à chuva para não se constipar". Avaliamos coisas e pessoas, dizendo, por exemplo, "esta casa é mais bonita do que a outra" e "a Maria está mais jovem do que a Joana". Quando nos damos bem com uma pessoa dizemos que ela é "porreira".

Vejam um pouco mais de perto o que dizemos no nosso quotidiano.

Quando pergunto "que horas são?" ou "que dia é hoje?", a minha expectativa é a de que alguém, tendo um relógio ou um calendário, me dê a resposta exacta. Em que acredito quando faço a pergunta e aceito a resposta? Acredito que o tempo existe, que ele passa, pode ser medido em horas e dias, que o que já passou é diferente de agora e o que virá também será diferente deste momento, que o passado pode ser lembrado ou esquecido, e o futuro, desejado ou temido. Assim, uma simples pergunta contém, silenciosamente, várias crenças não questionadas por nós.

Quando digo "ele está a sonhar", referindo-me a alguém que diz ou pensa alguma coisa que julgo impossível ou improvável, tenho igualmente muitas crenças silenciosas: acredito que sonhar é diferente de estar acordado, que, no sonho, o impossível e o improvável se apresentam como possível e provável, e também que o sonho se relaciona com o irreal, enquanto a vigília se relaciona com o que existe realmente.

Acredito, portanto, que a realidade existe fora de mim, posso percebê-la e conhecê-la tal como é, sei diferenciar realidade de ilusão.

A frase "ela ficou maluca" contém essas mesmas crenças e mais uma: a de que sabemos diferenciar razão de loucura e maluca é a pessoa que inventa uma realidade existente só para ela. Assim, ao acreditar que sei distinguir razão de loucura, acredito também que a razão se refere a uma realidade que é a mesma para todos, ainda que não gostemos das mesmas coisas.

Quando alguém diz "onde há fumo, há fogo" ou, "não ande à chuva para não se constipar", afirma silenciosamente muitas crenças: acredita que existem relações de causa e efeito entre as coisas, que onde houver uma coisa certamente houve uma causa para ela, ou que essa coisa é causa de alguma outra (o fogo causa o fumo como efeito, a chuva causa a constipação como efeito). Acreditamos, assim, que a realidade é feita de causalidades, que as coisas, os factos, as situações se encadeiam em relações causais que podemos conhecer e, até mesmo, controlar para o uso da nossa vida.

Quando avaliamos que uma casa é mais bonita do que a outra, ou que Maria está mais jovem do que Joana, acreditamos que as coisas, as pessoas, as situações, os factos podem ser comparados e avaliados, julgados pela qualidade (bonito, feio, bom, ruim) ou pela quantidade (mais, menos, maior, menor). Julgamos, assim, que a qualidade e a quantidade existem, que podemos conhecê-las e usá-las na nossa vida.

Ao dizermos que alguém é "porreiro" porque tem os mesmos gostos, as mesmas ideias, respeita ou despreza as mesmas coisas que nós e tem atitudes, hábitos e costumes muito parecidos com os nossos, estamos, silenciosamente, acreditando que a vida com as outras pessoas - família, amigos, escola, trabalho, sociedade, política - nos faz semelhantes ou diferentes em função de normas e valores morais, políticos, religiosos e artísticos, regras de conduta, finalidades de vida.

Assim, achamos óbvio que todos os seres humanos seguem regras e normas de conduta, possuem valores morais, religiosos, políticos, artísticos, vivem na companhia de seus semelhantes e procuram distanciar-se dos diferentes dos quais discordam e com os quais entram em conflito, acreditamos que somos seres sociais, morais e racionais, pois regras, normas, valores, finalidades só podem ser estabelecidos por seres conscientes e dotados de raciocínio.

Como se pode notar, a nossa vida quotidiana é toda feita de crenças silenciosas, da aceitação tácita de evidências que nunca questionamos porque nos parecem naturais, óbvias."

## Actividades:

1. As crenças destacadas no texto, correspondem a um tipo de saber que todos nós possuímos: o senso comum. Podemos afirmar que esse saber nasce de uma reflexão profunda sobre a nossa experiência quotidiana? Justifique a sua resposta.
2. Poderíamos viver a nossa vida quotidiana se não possuíssemos estas “crenças silenciosas <...> que nunca questionamos porque nos parecem naturais, óbvias”? Justifique a sua resposta.

## Exercícios de aprofundamento:

(Deve procurar fazer estes exercícios em momentos distintos).

A - Imagine como seria a sua vida sem o senso comum, ou seja, se tivesse que aprender tudo por si próprio/a e se o mesmo acontecesse com as outras pessoas: nessa situação seria possível vivermos a nossa vida quotidiana tal como o fazemos? A sua resposta deve ter um mínimo de 200 palavras.

B – Em primeiro lugar, reserve uns minutos para realizar este exercício, de modo a que possa estar sozinho/a ou sem ser interrompido/a ou distraído/a. Durante uns minutos concentre-se nas coisas em que acredita acerca do mundo em que vive: na existência das coisas, das pessoas, das normas, da realidade material, etc., etc. Tente apreciar a utilidade desse conjunto de crenças: a imensidade de coisas que sabe sem se dar conta disso, por exemplo, como acender a luz, ou a televisão, ou abrir as portas com a respectiva chave, navegar na net. Tente sentir a segurança que esse saber envolvente lhe dá.

Depois imagine que, de repente, essas crenças e o saber que lhes está associado deixam de fazer sentido: deixa de conseguir abrir as portas, acender a luz ou a televisão, apanhar o comboio da mesma forma que está habituado/a, etc.

Como se sentiria nessa situação?

Conseguiria continuar a viver sem procurar resolver os problemas acabados de surgir? Conseguiria aceitar essa ignorância sem procurar um saber verdadeiro? A sua resposta deve ter um mínimo de 200 palavras.